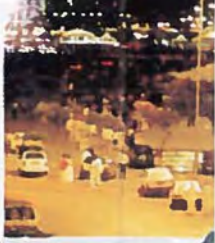


CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA  
IMPRESSO

**DF**  
**LETRAS**  
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA  
ANO VI Nº 70/74  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**Brasília**







# ALTIPLANO

□ ANDERSON BRAGA HORTA

**ANTES** do começo,  
era o sertão, só e ríspido.  
Vegetais cheios de ódio fitando os céus  
impossíveis  
e apontando a terra sáfara.  
Dedos torcidos de séculos.  
Bênçãos dissimuladas sob a raiva.  
Natureza virgem à espera da posse.

**SOB** a carne desidratada  
destas planuras  
já se pressentem – hígdas –  
as covas futuras.  
É dessa carne e dessas covas  
– morte aparente –  
já se pressentem fluindo em ouro  
arquivindouras  
fartas torrentes.

A vida na morte  
enraíza.

**DIALETICOS** pequis  
de coração de ouro e farpas  
guardam-se verdes do grito áureo dos tucanos.  
Veados camuflados.  
Tatus embutidos.  
Arisca florifauna.

Ásperos minerais irônicos,  
no fundo, sorriem  
e esperam.

**A EROSÃO** comera o ventre da terra  
e chupara-lhe as lágrimas.  
De outras terras também calcinadas  
o húmus viria:

mãos nodosas,  
magras mãos,  
mãos rudes, mãos férreas,  
- mãos -  
com o próprio  
sangue ralo de anemia  
regarão o alheio dia.

**VENTOS** e chuvas corroeram arestas,  
dispersaram resíduos,  
e o terreno está pronto: esqueleto  
à espera da carne.  
E vieram os pioneiros  
e rasgaram os mapas  
(no papel, o embrião): corpo  
à espera de uma alma.

**E VIERAM** os primeiros peões.  
E vieram  
e voltaram



no périplo (sem portos)  
da fortuna.  
E vieram  
e voltaram  
e vieram  
no fluxo e refluxo  
da fome.  
E vieram  
e ficaram  
plantados,  
árvores migrantes  
- torcidas de séculos -  
enraizando, úberes, dedos,  
salgando impossíveis céus.

**TODAS** as peças  
no tabuleiro.  
Reis, bispos, torres.  
E os cavalos.

A batalha começou  
sem que ninguém desse por isso.  
E em lances bruscos  
a cavalhada,  
dos flancos,  
da retaguarda,  
salta  
e airopela peões em marcha.

Silêncio  
de gritos  
coagulados.

Sacrificam-se os peões,  
ficam-se os reis.  
É a lei  
do xadrez.  
Mas onde o exército inimigo?





No imenso tabuleiro  
há um formigamento de cruces  
anônimas. Subterrâneos,  
os mortos  
suportam o peso  
do porvir.

**ÁVIDA** suga a terra  
as mil línguas da chuva.  
Intimidade.  
Poros abertos, solos refratários à lama.  
No entanto, há lama  
nos pés, nas máquinas,  
nas almas.  
Águas avolumam-se, pejando a represa.  
Grávidas terras falam ainda de uma pureza  
intratável.  
No ar seco, um vento áspero  
fala de lutas.

**NA CONFLUENCIA** das virilhas  
o dique  
represa os córregos.  
Basta um abrir de comportas  
e um rio  
irrompe em cólera.

Na confluência dos párias  
um dique.

**CRESCER** uma pétala



na rosa-dos-ventos.  
Desviam-se para Oeste os rios do orvalho,  
de que o asfalto, o aço, o concreto,  
o abstrato,  
tudo é resíduo.  
Cruz resumindo sacrifícios,  
avião demandando o futuro.  
Símbolos.  
Reais são os mortos, alicerces nossos;  
real é o presente, imenso,  
bruto  
canteiro de obras.

**NO PLANALTO**, lenta,  
se abre:  
rosa superfaturada  
em vidro-plano e concreto.

Contraditória  
rosa  
explosiva.

De tuas impurezas,  
de tuas asperezas,  
rosa queremos-te  
exata.  
No altiplano de nossas esperanças,  
rosa-dos-homens  
construímos-te futura.

